

Reflexões sobre linguagem, loucura e literatura: Michel Foucault e a literatura do louco

Reflections on language, madness, and literature: Michel Foucault and the madness' literature

João Emílio Fortaleza Aquino*

Para Bigo, que pouco a pouco se afastou em todos os sentidos da linguagem cotidiana.

In memoriam.



Resumo

A Idade Clássica se caracterizou pela reclusão dos loucos e demais marginalizados (vagabundos, pobres, homossexuais...) e, em consonância com isso, pela exclusão da loucura do mundo da literatura. No início da Idade Moderna, considerada a loucura uma doença mental e surgida uma instituição específica de reclusão dos loucos (o hospital psiquiátrico), aparece também a literatura do louco; retorna, assim, a antiga relação, experimentada entre a Idade Média e o Barroco, entre loucura e literatura, retorno que se dá num momento em que a própria experiência social com a palavra já se modificara. Este artigo pretende pensar, com Foucault, as relações entre loucura e literatura, a partir dos mecanismos estratégicos da linguagem como experiência social.

Palavras-chave: Linguagem. Loucura. Literatura. Michel Foucault.

Abstract

The Classic Age was characterized by the reclusion of lunatics and other marginalized people (vagabonds, the poor, homosexuals...), and as a result of this, by the exclusion of madness from the world of literature. At the beginning of the Modern Age, when madness was considered a mental disease and had become an institution specifically for the reclusion of lunatics (the psychiatric hospital), also appears the *lunatic's literature*. Thus returns the ancient relationship between madness and literature that had been experienced between the Middle Ages and the Baroque, a return that takes place at a time when the very social experience with the word already had changed. The aim of this paper is to reflect, together with Foucault, upon the relationships between madness and literature, drawing on the strategic mechanisms of language as a social experience.

Keywords: Language. Madness. Literature. Michel Foucault.

Introdução

Na aula inaugural que pronunciou no *Collège de France*, em dezembro de 1970, na qual expõe o conteúdo de suas pesquisas e reflexões, Michel Foucault parte de uma hipótese:

em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função

conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade¹.

Ele exerce, assim, uma reflexão sobre a “materialidade do discurso”. Podemos pensar que haja aqui uma reflexão sobre a linguagem? Sim, mas sob a condição de que a linguagem seja reconhecida em um uso social bastante concreto: enquanto “materialidade” de um conjunto de relações de poder, de práticas sociais e instituições ou, ainda, de dispositivos estratégicos

* Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Atualmente é professor assistente da Universidade de Fortaleza.
E-mail: emilianoaquino@bol.com.br

¹ M. Foucault, A ordem do discurso [1970], trad. br. Laura F. A. Sampaio, São Paulo, Edições Loyola, 2000, 6^a ed., p. 8.

de poder. Em outras palavras, trata-se de concebê-la como “práticas discursivas”. Como observa Roberto Machado, essa “materialidade da linguagem” marca o pensamento de Foucault a partir do final dos anos 60, estendendo-se à década dos 70: a partir de *Arqueologia do saber* [1969], “começa a se delinear em seu trabalho de investigação uma genealogia concebida como uma análise das condições de possibilidade políticas dos saberes a partir do poder”.² No entanto, Foucault pretendia pensar a linguagem sob um ponto de vista outro daquela oposição dual entre um discurso dominante e um discurso dominado. Segundo suas próprias palavras, ele compreendia o discurso como sendo “o conjunto das significações constrangidas e constrangedoras que permeiam as relações sociais”.³ Assim é que pode compreender o discurso numa perspectiva muito singular:

Trata-se aqui de mostrar o discurso como um campo estratégico, no qual os elementos, as táticas, as armas não cessam de passar de um campo a outro, de se trocarem entre os adversários e de retornar contra aqueles mesmos que os utilizam. É na medida em que é comum, que o discurso pode se tornar ao mesmo tempo um lugar e um instrumento de confronto”.⁴

A análise do discurso, em sua materialidade, conduz, na perspectiva foucaultiana, à análise deste lugar de relações de força e de conflito que é a linguagem, o discurso. Linguagem e discurso são, assim, pensados como *relações sociais* e *relações de poder*. Analisar os discursos de uma dada época quer

dizer também analisá-los como um campo de batalha, *la bataille des discours*, precisamente porque aí se encontra um instrumento, ou melhor, uma “arma” nas relações de poder de uma dada sociedade: “É primeiro que tudo porque o discurso”, diz Foucault, “é uma arma de poder, de controle, de sujeição, de qualificação e de desqualificação que ele é o jogo de uma luta fundamental”.⁵ Exatamente por isso, a produção do discurso em uma dada sociedade – como ele diz na aula inaugural no *Collège de France* – possui procedimentos que a controlam, selecionam, organizam e distribuem, procedimentos próprios das relações sociais e de poder que constituem aquela sociedade. Esses procedimentos são eles próprios técnicas, instituições, práticas sociais.

Nesta compreensão, como poderíamos situar a reflexão de Foucault acerca da literatura? Segundo ele admite, esta reflexão organiza-se em três eixos: o primeiro, em torno da loucura, no qual tem Hölderlin e Artaud como referências; o segundo, em torno da sexualidade, e toma Sade e Bataille; e, terceiro, sobre a linguagem, Mallarmé e Blanchot.⁶ Esta organização carrega o perigo, no entanto, de nos impossibilitar enxergar os nexos que existem ali. Com efeito, se pensarmos as análises das práticas discursivas que Foucault propõe como análises da *prática social da linguagem* – o que implica uma determinada reflexão sobre a linguagem em sua *materialidade social* –, a literatura é ela própria uma forma de prática discursiva e, neste sentido, uma forma de linguagem, uma forma de uso social da linguagem, ou ainda, um lugar de relações sociais e de poder. Em que pese o aporte

¹ M. Foucault, *A ordem do discurso* [1970], trad. br. Laura F. A. Sampaio, São Paulo, Edições Loyola, 2000, 6^a ed., p. 8.

² R. Machado, *Foucault, a filosofia e a literatura*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, p. 123. Segundo Machado, Foucault distancia-se, assim, das teses apresentadas em *As palavras e as coisas* [1966], onde, numa aproximação da literatura moderna, pensara a “intransitividade da linguagem literária, no sentido de ser ela uma operação reflexiva, de existência perpetuamente voltada para si mesma, inteiramente refletida ao ato puro de escrever, que quer apenas afirmar sua existência, dizendo apenas o que é”... (pp. 110-111). Diferente seria, a partir do final dos 60, a nova posição de Foucault, caracterizada pelo “distanciamento da tese da intransitividade da escrita literária” (p. 125). Esta inflexão de seu pensamento significaria tanto uma mudança no seu enfoque da linguagem, quanto uma perda do “privilegio” da literatura na sua reflexão sobre a linguagem. De fato, nos escritos que levarei em conta neste trabalho, Foucault mantém uma posição extremamente crítica em relação à literatura, pensada a partir dos “mecanismos de poder”.

³ M. Foucault, “Le discours ne doit pas être pris comme...” [1976] in *Dits et écrits III*, Paris, Gallimard, 1994, p. 123: “l’ensemble des significations contraintes et contraignantes qui passent à travers les rapports sociaux”. Essa des-confiança em relação à linguagem, essa suspeita radical de que a linguagem tem parentesco com as relações de poder pode ser creditada à própria suspeita nietzscheana: “O direito senhorial de dar nomes vai tão longe, que nos permitiria-mos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder dos senhores: eles dizem ‘isto é isto’, marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas” (cf. F. Nietzsche, *Genealogia da moral. Uma polêmica* [1887], I, 2, trad. br. Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 19).

⁴ M. Foucault, “Le discours ne doit pas être pris comme...”, ibidem: “Is s’agit ici de montrer le discours comme un champ stratégique, où les éléments, les tactiques, les armes ne cessent de passer d’un champ à l’autre, de s’échanger entre les adversaires et de retourner contre ceux-là mêmes qui les utilisent. C’est dans la mesure où il est commun que le discours peut devenir à la fois un lieu et un instrument d’affrontement”.

⁵ Idem, p. 124: “C’est d’abord parce que le discours est une arme de pouvoir, de contrôle, d’assujettissement, de qualification et de disqualification qu’il est l’enjeu d’une lutte fondamentale”.

⁶ Cf. M. Foucault, “Folie, littérature, société” [1970] in *Dits et écrits II*, Paris, Gallimard, 1994, p. 105.

específico que, pensando em Mallarmé e Blanchot, pode Foucault encontrar para refletir sobre experiências de invenção e renovação da linguagem literária, como linguagem específica e como experiência social específica com a literatura, parece-me todavia inegável que a reflexão sobre a literatura é já, em seu todo (e não apenas em Mallarmé e Blanchot), uma reflexão sobre a linguagem. Assim, quando Foucault toma Hölderlin e Artaud para pensar a relação loucura e literatura, o que aí temos é – no sentido que tenho aqui solicitado – uma relação entre *loucura e linguagem*.

Na medida em que a toma como uma prática discursiva, a reflexão foucaultiana sobre a literatura não compõe uma estética ou uma teoria da literatura. Tomar a literatura como objeto de reflexão tem importância para Foucault na medida em que, segundo ele, na literatura, “nossa cultura realizou algumas escolhas originais”.⁷ Por “escolha original” Foucault entende “a base de toda uma cultura”⁸, “uma escolha que delimitaria todo um conjunto constituído pelo saber humano, pelas atividades humanas, pela percepção e pela sensibilidade”.⁹ Daí que Foucault diz preferir, em sua pesquisa histórica, apoiar-se sobre obras literárias, mais do que sobre as filosóficas. A filosofia, em largos períodos da história da cultura no Ocidente, foi o lugar de “escolhas originais”. No entanto, enquanto atividade autônoma, ela desapareceu nos últimos 150 anos no Ocidente, a partir de Hegel. Com a crise da filosofia, enquanto atividade autônoma, as “escolhas originais” no Ocidente têm sido, desde então, realizadas por (ou em) outras atividades, tais como as científicas, políticas ou literárias.

Mas, mesmo quando analisa a literatura em sua relação com a loucura, é desta que Foucault parte. É a partir da loucura que Foucault pensa a experiência literária. Nesta ordem necessária, a importância que ganha a literatura em sua pesquisa pode, segundo ele, ser explicada historicamente:

A razão pela qual eu me interesso pela literatura é a seguinte: no século 17, diversas medidas foram tomadas nos domínios políticos, sociais, econômicos e policiais; ora, a escolha original que aí chega a excluir o louco e a loucura termina por ser tratada na literatura a partir do século 19”.¹⁰

Deste modo, a relação entre loucura e literatura, compreendida aquela como ponto de partida, não é casual. Na medida em que a exclusão da loucura e do louco – exclusão que constitui a própria uma “escolha original” –, que se dá a partir do século 17, passa a ser tratada na literatura a partir do século 19, a relação entre loucura e literatura torna-se necessária à própria pesquisa foucaultiana sobre a loucura. Excluído da sociedade e de todo comércio de discursos, o louco parece encontrar na escrita o lugar em que poderá produzir livremente seu próprio discurso. No entanto, como veremos, este encontro também não será casual se tomarmos como ponto de partida a literatura. Haverá algo de essencial no que diz respeito à própria literatura quando, a partir do século 19, surge a *literatura do louco*. Segundo Foucault, na literatura do louco estará manifesta a própria essência da poesia moderna, isto é, da literatura que se fará possível a partir do século 19.

Mas não haverá nessa assertiva simpática – e, historicamente, bem fundamentada – um problema? Se a literatura constitui uma prática discursiva onde se dão relações de poder, como entender que a loucura e o louco, excluídos pelas relações de poder que se dão a partir do século 17, possam encontrar naquela, um século e meio depois, um lugar de produção livre de discurso?

II. O lugar da loucura e da literatura na ordem do discurso

Em *A ordem do discurso*, texto da aula inaugural de 1970, Foucault situa os objetos da sua pesquisa no conjunto de procedimentos de controle, seleção, organização e distribuição da produção do discurso. A partir do texto de Foucault, poderíamos alinhar tais procedimentos em três classes: *procedimentos externos de exclusão do discurso*, *procedimentos internos de controle e delimitação dos discursos* e, finalmente, *procedimentos de seleção e controle dos sujeitos que têm acesso aos discursos*. A loucura, nesse quadro de procedimentos coercitivos de produção e controle dos discursos, aparece *submetida* à separação (e, ocasionalmente, à rejeição). Se a fala do louco é, sempre, a fala distinta e separada – pois o “louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos

⁷ Idem, p. 107: “notre culture a opéré quelques choix originels”.

⁸ Idem, p. 105: “la base de toute une culture”.

⁹ Idem, p. 106: “un choix qui délimiterait tout un ensemble constitué par le savoir humain, les activités

outros”¹¹ –, é porque em todas as sociedades conhecidas houve uma *cesura* fundamental entre os discursos do louco e a produção “normal” de discursos. Nesses procedimentos de produção de discursos que Foucault tem em consideração, a sujeição, a submissão, a marginalização caracterizam os discursos do louco: mesmo hoje, quando se busca na fala do louco um sentido, seja na obra literária, seja na escuta psicanalítica ou psiquiátrica, a separação se restitui “em todo aparato de saber mediante o qual deciframos essa palavra”¹², pois “é sempre na manutenção da cesura que a escuta se exerce”.¹³

Diferentemente ocorre com a literatura. Nos procedimentos externos de exclusão dos discursos, ela aparece aderida à “vontade de verdade”, isto é, como sendo também uma forma de discurso que se pretende “verdadeiro” na medida em que apela para determinados fundamentos de verdade como a natureza, a sinceridade, a ciência etc. Ela é, nesse sentido, uma forma de “vontade de verdade” e, como tal, aparece como coerção e exclusão – institucionalmente articuladas – de outras formas de discursos.¹⁴

A literatura também é uma forma de discurso que, no sentido moderno, encontra seu princípio unificador e significativo no *autor*, o que implica uma forma de controle e delimitação do discurso e, portanto, uma função coercitiva. A função autor, como ocorre com as disciplinas, é um princípio de coerção.¹⁵

Por fim, a atividade literária pode ser também compreendida como organizada a partir de determinados procedimentos que selecionam quem pode produzir discursos, quem pode ter acesso à palavra: neste ponto de vista, ela é uma forma de “sociedade de discurso” e, como tal, “certamente coercitiva”. As “sociedades

de discurso” são, para Foucault, sociedades fechadas cuja função é “conservar ou produzir discurso, mas para fazê-los circular em espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras restritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição”.¹⁶ Duas características fundamentais dessas “sociedades de discurso” são: uma, a sua existência enquanto *grupo* e em torno de um *segredo*; outra, a *não permutabilidade* entre quem pronuncia o discurso e quem o escuta. Ora, essas características estão presentes em diversas de nossas formas de experiência com a organização do discurso verdadeiro, e nelas – no dizer de Foucault – “se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não permutabilidade”.¹⁷ E, quanto a isso, temos aqui uma referência fundamental à literatura:

A diferença do escritor, sem cessar oposta por ele mesmo à atividade de qualquer outro sujeito que fala ou escreve, o caráter intransitivo que empresta a seu discurso, a singularidade fundamental que atribui há muito tempo à “escrita”, a dessimetria afirmada entre a “criação” e qualquer outra prática do sistema lingüístico, tudo isso manifesta na formulação... a existência de certa sociedade do discurso.¹⁸

Loucura e literatura encontram-se, portanto, situados em lugares distintos e, em certa medida, opostos no interior desses procedimentos de controle, seleção, organização e distribuição da produção dos discursos. A palavra do louco é, por definição, “inexistente”, quase sempre coagida, sem verdade razoável. O que significa, portanto, a “literatura do louco”, que vai aparecer a partir do século 19?

¹¹ M. Foucault, *A ordem do discurso*, p. 10.

¹² Idem, p. 12.

¹³ Idem, p. 13.

¹⁴ “Essa vontade de verdade”, diz ele, “como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional” e – referindo-se especificamente à sociedade moderna – “tende a exercer sobre os outros discursos... uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (idem, p. 18). Também sobre a “vontade de verdade”, remeto à Genealogia da moral, de Nietzsche, a partir de III, 24 (na edição citada, pp. 137 ss); quanto à influência do “método histórico” nietzscheano sobre a pesquisa genealógica de Foucault, ver, deste autor, *Microfísica do poder* (org. e trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979), especialmente o ensaio “Nietzsche, a genealogia e a história” (pp. 15-37).

¹⁵ As disciplinas são um elemento fundamental da “vontade de verdade”. Nelas, uma proposição, falsa ou verdadeira, deve falar a língua do verdadeiro – isto é, segundo regras de objetos e conceitos – para poder ser decidida/julgada sua veracidade ou falsidade. O falso que fala “no verdadeiro” é apenas um “erro disciplinado”. Assim, “estar no verdadeiro”, característica essencial das disciplinas, significaria, para Foucault, obedecer “às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos”. Cf. M. Foucault, *A ordem do discurso*, pp. 32-35.

¹⁶ Idem, p. 39.

¹⁷ Idem, p. 40.

¹⁸ Idem, p. 41. E o mesmo pode ser dito em relação à circulação dos discursos médicos, econômicos e outras formas de especializações da sociedade moderna.

III. Os discursos contra a ordem: o reencontro entre loucura e literatura

Na experiência literária moderna, aquela que se desenvolve a partir do século 19, Sade é, para Foucault, emblemático: excluído – e recluso – por suas anomalias sexuais, ele escreve, por uma “necessidade interior”, sua obra na clausura. É curioso – mas fundamental – que sem a exclusão e o sistema de exclusão que agem sobre ele enquanto indivíduo sua obra não seria possível. É aquela característica de sua individualidade, justificativa da sua exclusão, a mesma que vai constituir a característica de sua obra, fazendo irromper aí, na literatura, o que é excluído, não-tolerado. Sade, neste aspecto, encontra-se com Hölderlin: aquele é, para Foucault, o “fundador da literatura moderna” e este “o mais próximo da essência da poesia moderna”.¹⁹ Eis aqui uma observação não acidental, na medida em que tanto Sade quanto Hölderlin escrevem por uma necessidade interior, mas este último, mais do que aquele, aproxima-se da essência da poesia moderna, pois sua escrita é a escrita de um louco. Sade e Hölderlin abrem uma nova época – na qual podemos encontrar William Blake ou Antonin Artaud –, a época do reencontro entre loucura e literatura, um encontro que acontece na *literatura do louco*.

O que, segundo Foucault, vai caracterizar, a partir do século 19, a experiência literária é precisamente que a loucura passa a manifestar-se na literatura moderna, e essa manifestação traz consigo um traço essencial da própria experiência poético-literária moderna: a literatura deixa-se ocupar como o lugar dessa linguagem não apenas marginalizada, mas, desde o século 17, efetivamente excluída. O “mundo da loucura que fora afastado a partir do século 17, este mundo festivo da loucura irrompeu de súbito na literatura”.²⁰

Ora, se há aqui um *reencontro*, essas relações, no entanto, datam de antes, da literatura medieval, prolongando-se até a renascentista e barroca, nos séculos 16 e 17. Nessas experiências

literárias, encontra-se um modo bastante singular do aparecimento da loucura e do louco: “é freqüentemente a este personagem do louco que retorna a tarefa de dizer a verdade”.²¹ Dizer a verdade significa aqui, na tessitura da trama teatral da dramaturgia medieval, renascentista e barroca, não só uma marginalização do louco quanto ao desenvolvimento das ações, dos interesses em jogo e das reflexões quanto ao desenlace dos conflitos, mas também e precisamente o fato de que o louco *sabe* o resultado, sabe o que vai acontecer e anuncia em suas palavras aleatórias o que escapa aos demais personagens, aos verdadeiros protagonistas da trama. Ele sabe e, no entanto, não sabe que sabe, isto é, não tem controle, domínio sobre o que sabe; ele é o “portador” de uma verdade que lhe escapa. “A verdade”, diz Foucault, “transparece através dele, mas ele, por sua vez, não a possui. As palavras da verdade se desenvolvem nele sem que ele seja responsável por isso”.²²

Estabelece-se aqui uma relação bastante distinta entre o louco e os demais personagens quanto à “verdade”. A relação que esses últimos têm com a verdade, que é de desconhecimento, dá-se através das ações e da vontade que dirige essas ações: há nela uma vontade consciente de exercer influência real na constituição do resultado da trama, uma vontade que pretende, pelo desejo do sucesso das ações, saber o seu resultado, que, não obstante, continua a escapar-lhe. O louco, por seu lado, sabe a verdade que anuncia sem manter, quanto a ela, nenhuma relação de vontade, pois, do ponto de vista da ação, do interesse prático, ela lhe é indiferente: o louco, sendo um personagem, não é um protagonista; como personagem, ele está, assim, à margem da trama, é inferior aos demais.

Foucault situa aqui um elemento fundamental de seu pensamento: nessa relação entre loucura e verdade no teatro medieval, renascentista e barroco, há uma clivagem entre *verdade* e *vontade*. Os que possuem a vontade, não possuem a verdade; aquele que porta e anuncia a verdade, não tem vontade e, logo, não *possui* a verdade que anuncia. Aqui, o anúncio da verdade pelo louco “é um discurso da verdade que, na

¹⁹ M. Foucault, “Folie, littérature, société”, p. 109.

²⁰ Idem, ibidem: “le monde de la folie qui avait été mis à l'écart à partir du XVIIe siècle, ce monde festif de la folie a soudain fait irruption dans la littérature”.

²¹ Idem, p. 110: “c'est souvent à ce personnage du fou que revient la tâche de dire la vérité”.

²² Idem, p. 111: “La vérité transparaît à travers lui, mais lui, pour sa part, il ne la possède. Les mots de la vérité se développent en lui sans qu'il en soit responsable”.

realidade, não tem a *vontade de verdade* e não a possui em si mesmo”.²³

Nessa forma de relação entre loucura e literatura encontramos, talvez num efeito retardado que repercute ainda na literatura teatral do Barroco, o modo como a sociedade européia se relacionava com o louco na Idade Média e na Renascença. Havia aqui, certamente, a marginalização, mas não a sua exclusão. Sob formas marginais, a existência do louco era nesses momentos históricos admitida: era-lhe permitido o convívio social. As informações históricas que Foucault aporta a esse respeito são esclarecedoras:

O que é chamado de idiota da aldeia não casava, não participava dos jogos, ele era alimentado e sustentado pelos outros. Ele errava de cidade em cidade, às vezes entrava no exército, fazia-se vendedor ambulante, mas, quando se tornava muito excitado e perigoso, os outros construíam uma pequena casa fora da cidade onde o aprisionavam temporariamente.²⁴

A marginalização não excluente do louco, vivenciada na Idade Média e na Renascença, era experimentada inclusive do ponto de vista cotidiano, nas casas aristocráticas, com a existência em seu seio da figura dos *bouffons*, dos bobos. Sua palavra era, de alguma forma, “a institucionalização da palavra da loucura”.²⁵ E também neste caso se verifica não só que “a palavra dos loucos era rejeitada como sendo sem valor, [de um lado], e, de outro, ela não era

nunca completamente aniquilada”, mas também que “sob a cobertura da irresponsabilidade, ele narrava simbolicamente a verdade que os homens normais não podiam enunciar”.²⁶ A experiência literária no teatro medieval, renascentista e barroco expressa – e/ou compõe – precisamente essa experiência social com a loucura.

A partir do século 17, e em toda a Idade Clássica, o louco desapareceu do teatro e, com ele, a relação entre loucura e verdade. Também aqui há uma relação que, antes de especificamente literária, é social. Segundo Foucault, “a partir do século 17 aproximadamente, a sociedade industrial se constituiu e a existência de tais pessoas não é mais tolerada”²⁷: é o momento em que se constroem na França e na Inglaterra locais de reclusão não apenas de loucos, mas também de homossexuais, vagabundos, prostituídos e outros indivíduos que, por seu comportamento desviante na ordem sexual, moral, religiosa, econômica ou política, destoavam do normal estabelecido ou que começava a se estabelecer.²⁸ Sob o ponto de vista do disciplinamento, este é um momento genético na constituição das relações sociais que caracterizam a sociedade moderna. “A sociedade industrial capitalista” insiste Foucault, “não pode tolerar a existência de grupos de vagabundos”.²⁹ O móvel econômico-social, disciplinar e, portanto, “moral” desses internamentos se verificava precisamente no fato de que eles não tinham qualquer intenção terapêutica, mas visavam unicamente à submissão daqueles indivíduos aos *travaux forcés*.³⁰

²³ Idem, p. 112, itálicos meus: “c'est un discours de la vérité qui, en réalité, n'a pas la volonté de la vérité et ne la possède pas en lui-même”.

²⁴ M. Foucault, “La folie et la société” [1970] in *Dits et écrits II*, Paris, Gallimard, 1994, pp. 133-134: “Ce qu'on appelle l'idiot du village ne mariait pas, ne participait pas aux jeux, il était nourri et soutenu par les autres. Il errait de ville en ville, parfois il entrait dans l'armée il se faisait marchand ambulant, mais, lorsqu'il devenait trop excité et dangereux, les autres construisaient un petit maison à l'extérieur de la ville où ils l'enfermaient provisoirement”. Cf. também J.-C. Schmitt, “A história dos marginais”, in J. Le Goff (org.), *A história nova* [1978], trad. br. Eduardo Brandão, São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 278.

²⁵ M. Foucault, “La folie et la société”, p. 131: “l'institutionalisation de la parole de la folie”.

²⁶ Idem, ibidem: “la parole des fous était rejetée comme étant sans valeur, [d'un côté,] et, de l'autre, elle n'e était jamais complètement annihilée”; “sous le couvert de l'irresponsabilité, il racontait sous forme symbolique la vérité que les hommes ordinaires ne pouvaient pas énoncer”.

²⁷ Idem, p. 130: “à partir du XVIIe siècle environ, la société industrielle s'est constituée et l'existence de telles personnes n'est plus tolérée”.

²⁸ Também sobre este mesmo fenômeno, mas a partir de um período histórico anterior, cf. K. Marx, *O capital: crítica da economia política* [1867], volume I, tomo 2, trad. br. Régis Barbosa e F. R. Kothe, São Paulo, Abril Cultural, 1984, todo o capítulo sobre a acumulação primitiva do capital, especialmente o tópico sobre as leis sanguinárias do tra-balho.

²⁹ M. Foucault, “La société et la folie”, p. 134: “La société industrielle capitaliste ne pouvait tolérer l'existence de groupes de vagabonds”.

³⁰ Embora a perseguição aos vagabundos, aos “falsos mendigos”, tenha começado bem antes, logo após a Peste Negra – com a sua expulsão das cidades, segundo a prescrição de decretos reais franceses e ingleses –, a partir do século 17 a expulsão será substituída pela reclusão, na qual incluem-se doravante também os loucos: “A idade clássica é, de fato, a do ‘internamento’. A expulsão de mendigos não basta para exorcizar o medo do crime, nem para satisfazer o desejo de higiene social – a partir de então, eles são internados. Em 1657, é criado em Paris o Hôpital Général, logo reproduzido em todo o reino. A recuperação dos bens dos leprosários e a sistematização desse velho modelo de reclusão pelo poder real estão no fundo dessa reforma. Nesses hospitais-prisões não há medicina, mas sim coerção. O desempregado é alimentado, mas perde sua liberdade. Só em Paris, em algumas semanas, cinco a seis mil pessoas são internadas. A evolução é a mesma em toda a Europa: ‘Zuchthäuser’ (casas de correção) na Alemanha e ‘workhouses’ na Inglaterra são expressões de uma mesma política. Essa reclusão não tem por objetivo apenas garantir a paz social. Ela também quer, pelo trabalho forçado, reformar moralmente os pobres. Sobretudo, o espaço fechado do internamento delimita o campo diversificado do desatino e da inutilidade social: no Hôpital Général encontram-se os indigentes, os mendigos, os estropiadores e os loucos”. (J.-C. Schmitt, obra citada, pp. 277-278).

Será, portanto, no século 19 que, com Blake, Hölderlin e, em certo sentido, com Sade, novamente se manifestará na literatura aquela “copertenência da verdade e da loucura”³¹, após ser ignorada de meados do século 17 ao final do século 18 e início do século 19, isto é, num intervalo de um século e meio ou dois séculos. É este também o momento em que, com Pinel, na França, a partir de 1793 a reclusão dos desviados se limita aos loucos; liberados os prostituídos, os ociosos, os homossexuais, que iriam todos formar o “exército industrial de reserva” (*l'armée de réserve de la force du travail*) necessário ao capitalismo industrial já constituído, os loucos permaneceram reclusos. Estes eram aqueles que não trabalhavam e eram incapazes de trabalhar, inúteis, portanto, para o uso pelo capital enquanto força de trabalho ou para a desvalorização dela no mercado de trabalho do capitalismo concorrencial (que é a função econômica do exército industrial de reserva no mercado de trabalho, segundo Marx). A reclusão específica do louco, para tratamento, é o que constituirá a psiquiatria e, com Turke, na Inglaterra, o hospital psiquiátrico, fazendo surgir a categoria moderna da “doença mental”. Se antes, no período clássico, a internação do louco junto aos demais desviados era uma prerrogativa da família, agora – com o surgimento da psiquiatria e do hospital psiquiátrico – passa a ser do médico.

É na reclusão do hospital psiquiátrico que nasce, com Sade, a literatura moderna; é na reclusão da torre de uma família amiga que se manifesta, na poesia de Hölderlin, a essência da poesia moderna. Este novo encontro da loucura com a literatura, na literatura do louco, entre o final do século 18 e início do século 19, funda uma relação que a partir de então, segundo analisa Foucault, passa a ser essencial à própria literatura. A relação que doravante fica clara é aquela em que a experiência de criação literária, no dizer de Foucault, carrega sempre consigo “o risco de se tornar louco” (*le risque de devenir fou*)³². É este risco o que, para Foucault, marcará essencialmente toda a experiência literária moderna, incluindo seu aspecto formal. O que isto efetivamente quer dizer?

Quer dizer, antes de tudo, que é a partir dessa relação entre loucura e literatura, relação pensada a partir da experiência histórica da loucura (da relação sociedade e loucura), que a própria experiência literária pode ser interpretada num determinado sentido. Ora, o encontro entre loucura e literatura, no século 19, dá-se num momento de redimensionamento do lugar da literatura no interior da experiência social. Se antes, conforme Foucault argumenta, “escrever era apenas o sustentáculo de uma palavra que tinha por objetivo circular no interior de um grupo social”³³, agora “a escrita... existe manifestamente por si mesma”³⁴. Este retorno da escrita sobre si mesma, esse desdém pela “circulação” e pelo “consumo” significaria, no dizer de Foucault, uma atividade “vertical”, uma linguagem vertical e, diz ele, “quase intransmissível”. Esta característica da literatura a partir do século 19, e que perdurará até os nossos dias como sendo o próprio da literatura moderna, encontra-se com a loucura numa relação que não é mais, do ponto de vista da própria literatura, uma relação casual, contingente. “Ora, esta atividade vertical e quase intransmissível da escrita”, diz Foucault, “assemelha-se nisso à loucura. A loucura é uma espécie de linguagem que se mantém verticalmente e que não é mais a palavra transmissível, tendo perdido todo o valor de moeda de troca”³⁵.

“Valor de moeda de troca” refere-se aqui exatamente à produção para a circulação, para o consumo por outro. Agora já não se trataria mais da produção literária para a universalização de determinados conteúdos da palavra, a constituição de um sentido comum, tal como foi o próprio da literatura no período de sua afirmação moderna, isto é, no século 18, e que coincide com o que foi chamado de “esfera pública burguesa”,³⁶ período durante o qual se instituiu propriamente o que viríamos a chamar de “literatura”. Podemos recorrer ao crítico inglês T. Eagleton e observar que, neste período, a literatura constitua, por exemplo, na experiência inglesa (mas num sentido semelhante ao que ocorria nos salões franceses e nas cortes alemãs), um veículo de universalização

³¹ M. Foucault, “Folie, littérature, société”, p. 112.

³² M. Foucault, “Folie, littérature, société”, p. 112.

³³ Idem, pp.113-114: “écrire n’était que le soutien d’une parole qui avait pour but circuler à l’intérieur d’un groupe social”.

³⁴ Idem, p. 114: “l’écriture... existe manifestement pour elle-même”.

³⁵ Idem, ibidem: “Or cette activité verticale et presque intransmissible de l’écriture ressemble en partie à la folie. La folie, c’est en quelque sorte un langage qui se tient à la verticale, et qui n’est plus la parole transmissible, ayant perdu toute valeur de monnaie d’échange”.

³⁶ Cf. T. Eagleton, A função da crítica [1984], trad. br. Jefferson Luiz Camargo, São Paulo, Martins Fontes, 1991, pp. 3 ss.

de determinados valores relativos à ética, à moral, ao bom gosto, às boas maneiras da “classe média”.³⁷ Este é um período em que a palavra individual ou privada a determinados círculos familiares e sociais circula amplamente através da literatura, dando universalidade a seus conteúdos. Pensando nisso, talvez possamos acrescentar à reflexão de Foucault a hipótese de que, também em consonância com as necessidades do capitalismo industrial nascente, a completa exclusão física (na reclusão) e simbólica (na literatura) que o louco sofrera nesse período (“Idade clássica”, séculos 17 e 18) tenha-se dado pela impossibilidade de universalização de sua palavra – que é sempre uma palavra solitária, voltada para si mesma ou sem referência comum ao sentido estabelecido socialmente. Se a economia moderna, em seu nascedouro, haveria que, num esforço de disciplinamento da força de trabalho dos vagabundos e ociosos, internar conjuntamente os loucos, talvez isso tenha acontecido não apenas porque eles não trabalhassem (e não o poderiam fazê-lo, como se demonstraria depois), mas principalmente porque eles fossem incapazes de todo tipo de “comércio” – seja de *força de trabalho*, seja de *palavras*. Da mesma forma, como personagem literária, como poderiam os loucos continuar a figurar como portadores de verdade na literatura, se esta agora deveria veicular conteúdos universalizáveis? Como poderia a literatura – palavra universalizável – veicular a palavra singular e não-recomendável do louco?

Ora, a experiência que se abriu a partir do final do século 18 e no século 19 foi aquela na qual “a palavra perdera todo o valor e não era desejada por ninguém”.³⁸ Passada a Idade Clássica, isto é, o período inicial de formação da sociedade capitalista industrial, e iniciada a época do capitalismo concorrencial já constituído, mas também consolidada a visão de mundo que compõe essa época, passada a Revolução Gloriosa na Inglaterra e a experiência revolucionária na França, a *palavra* e, com ela, a *literatura* já não ocupava o mesmo lugar que antes. A palavra parece tornar-se assim uma palavra privada e, neste sentido, uma “necessidade interior” como o forá para Sade e Hölderlin. Levando à frente

seu uso metafórico do “valor de troca”, afirma então Foucault: “Essa escrita não circulatória, essa escrita que se mantém de pé, é justamente um equivalente da loucura”.³⁹ Doravante, só com a loucura pode agora essa escrita moderna relacionar-se, intercambiar-se, porque, como em toda equivalência, tem com ela algo em comum: a palavra desvalorizada, vertical e quase intransmissível; a palavra como necessidade interior.

Essa equivalência entre loucura e literatura, plenamente posta na experiência literária moderna (a partir do século 19), deve-se também, segundo Foucault, a que ambas possuem uma linguagem distinta da *linguagem cotidiana*. E, precisamente aí, a loucura reaparece como modelo moderno da literatura: “a loucura e a literatura são marginais em relação à linguagem cotidiana e procura-se o segredo da produção literária geral em um modelo que é a loucura”.⁴⁰ A rigor, esse lugar modelar da loucura, enquanto lugar da linguagem não cotidiana, diz respeito à própria desvalorização da palavra em seu uso cotidiano, “prosaico” (para utilizarmos aqui uma expressão de Hegel, acerca da sociedade moderna). Assim, mais que um encontro casual na escrita de Sade, Hölderlin ou Blake, um encontro *na* necessidade interior desses autores, loucura e literatura encontram-se na literatura do louco no século 19 a partir de uma identidade essencial: a palavra solitária, “vertical” e “quase intransmissível”.

Efetivamente, se a palavra escrita, literária, tornara-se agora desvalorizada, solitária, ela torna-se exatamente o mesmo que a palavra do louco. Impossibilitada de circular amplamente, tanto quanto o louco é impossibilitado de livremente circular, a palavra já se encontrava reclusa antes mesmo de, em suas respectivas reclusões, Sade e Hölderlin a escreverem. É o louco, recluso, que, mais do que ninguém já sabia operar com essa palavra solitária. E, desde então, o manuseio literário dessa palavra solitária é sempre uma aproximação com a loucura; justamente assim, o ato de escrever, o ato de exercitar dar vida e objetividade a essa palavra solitária tornou-se ele próprio um “risco de ficar louco”.

³⁷ MIdem, ibidem.

³⁸ M. Foucault, “Folie, littérature, société”, p. 114: “la parole ait perdu toute valeur et ne soit désirée par personne”.

³⁹ Idem, ibidem: “Cette écriture non circulatoire, cette écriture qui se tient debout, c'est justement un équivalent de la folie”.

⁴⁰ M. Foucault, “La folie et la société”, p. 132: “la folie et la littérature sont marginaux par rapport au langage quotidien et [les gens] cherchent le secret de la production littéraire générale dans un modèle qui est la folie”.

IV. Reflexões finais: encontro entre loucura e literatura?

Retomo aqui algumas questões. Se, de fato, o discurso verdadeiro e excludente da literatura pôde acolher a palavra excluída do louco, a partir do processo de desvalorização da própria palavra na linguagem cotidiana, este encontro todavia não faria persistir uma contradição ainda fundamental, a saber, a contradição entre a forma de palavra que *se exclui* da linguagem cotidiana (*e a exclui de si*), que é a literatura, e a palavra que é *excluída* da linguagem cotidiana, a palavra do louco? Como pensar que a linguagem excludente e “voluntariamente” separada pode acolher a linguagem à qual se impõem a separação e a exclusão? Mesmo considerando-se a experiência histórica da literatura, a partir da experiência histórica da palavra (entre a Idade Clássica e a moderna), experiência na qual o encontro com a loucura iria determinar essencialmente a experiência literária, mesmo assim não persiste aqui uma contradição fundamental, que deve de alguma forma influenciar as nossas reflexões atuais sobre a literatura?

Foucault, ao que parece, não se põe diretamente essas questões. Mas talvez algumas de suas reflexões sobre a experiência contemporânea da literatura possam acolhê-las – senão, respondê-las. Vejamos.

Segundo afirma Foucault, na aproximação da literatura com a loucura, no ato de dizer a palavra que não é a do sentido comum e que se levanta sobre este sentido numa rebelião própria, produzir-se-ia o que ele chama de periculosidade do “ato da escrita”, *acte d'écriture* (ele não diz propriamente “literatura”): “o caráter subversivo da escrita”, a sua “função de transgressão” (*la subversivité d'écriture; fonction de transgression*).⁴¹ Este caráter contestador, subversivo do ato de escrever não se determina, na análise de Foucault, pelo conteúdo do que se escreve ou pela posição política de quem escreve. E isto não porque ele se resolva por uma escrita descomprometida, mas porque quer evitar criar em torno da escrita – seja ela “literária”, seja teórica – qualquer tipo de fetiche que consideraria o ato de escrever por si como sendo já um ato de contestação. Se o ato de escrever, na poesia

moderna, possui um risco graças à sua aproximação com a loucura é, repito, em virtude do seu anúncio da palavra não consentida, não instituída: encontra-se também precisamente aí sua “periculosidade”.

Em verdade, Foucault teme que a ausência de uma intervenção prática nos conflitos sociais da época possa ser justificada pelo álibi da escrita. Mas também se recusa a tomar as inovações de linguagem que a escrita literária possa conhecer – e efetivamente conheceu em toda a sua experiência moderna – como sendo já em si uma contestação e uma renovação da situação social da linguagem em suas diversas modalidades, que se relacionam com relações de poder, instituições e práticas sociais concretas. Discutindo sobre o *pourrissement du langage* na literatura moderna, apodrecimento ou perversão que testemunharia também aquelas inovações da linguagem literária em sua solidão, ele argumenta:

A situação global da linguagem e as diferentes modalidades que evoca podem ser reformadas apenas por uma revolução social. Em outras palavras, não é por uma perversão interna da linguagem que a reorganização global, a distribuição global da linguagem podem ser realizadas. Mas é por uma reforma fora da linguagem.⁴²

Em outras palavras, Foucault quer relevar a relação entre literatura e vida e, portanto, entre a contestação e a liberação que se narram na literatura e sua diferença com o que é realmente vivido. A liberação sexual, por exemplo, bastante tolerada e admitida na literatura, não é aquela que é experimentada na prática. Ou – para falar mais concretamente da nossa experiência literária moderna – a situação da loucura, que ocupa um lugar essencial na literatura, é a da real e persistente exclusão do louco na sociedade moderna, que agora como antes permanece um *au-dehors*. *Entretanto*, a literatura não é *au-dehors*. Mas, mais do que isso, trata-se aqui, claramente, do que Foucault chamou de “metamorfose da função da escrita”: “hoje... a literatura recupera sua função social normal”.⁴³ Em outras palavras, houve um processo de recuperação/assimilação, pelo sistema, do caráter

⁴¹ Idem, ibidem.

⁴² Idem, p. 121: “la situation globale du langage et des différentes modalités que je viens d'évoquer ne peut être réformée que par une révolution sociale. En d'autres termes, ce n'est pas par un pourrissement interne du langage que la réorganisation globale, la distribution globale des modalités et des valeurs du langage peuvent être opérées. Mais c'est par une réforme en dehors du langage”.

⁴³ Idem, p. 119: “métamorphose de la fonction de l'écriture”, “aujourd'hui... la littérature récupère sa fonction sociale normale”.

subversivo (inaugurado na palavra solitária do século 19) do ato de escrever, tendo a literatura retornado à sua “função normal”, qual seja, a de ser um sistema completamente característico da sociedade capitalista e da sociedade burguesa, isto é, um sistema que produz todo um conjunto de saberes e de símbolos, lhe atribui valores, o distribui e o transmite. Eis aí o que se pode chamar, grosso modo, nosso “sistema de escrita”.⁴⁴

Esse retorno da literatura à sua “função normal” é explicado por Foucault pela imensa capacidade que tem a sociedade burguesa de “assimilar”, “recuperar” e “integrar”. A recuperação da literatura pelo sistema significa, nesse sentido, uma “vitória da burguesia” (*victoire de la bourgeoisie*).⁴⁵ Mas também significa, diz ele, “a força do inimigo que devemos combater e a fragilidade da arma que é a literatura”.⁴⁶ Ora, parece-me que na consideração da literatura como uma arma se encontra a referência ao “caráter subversivo”, à “periculosidade” do “ato de escrever”; e tal fragilidade encontra-se precisamente no caráter institucional e coercitivo da literatura. Na medida em que a literatura moderna se torna, ainda enquanto institucional e coercitiva, uma atividade subversiva e perigosa por causa daquele elemento que ela tem em comum com a loucura, não é plausível perceber aqui uma manifestação daquela contradição acima suposta entre literatura e loucura? Em outras palavras, não se encontraria nessa “recuperação” da literatura (em sua periculosidade) pelo sistema e, portanto, na sua fragilidade como “arma de combate”, uma manifestação da contradição acima suposta entre a linguagem excluída da loucura e sua acolhida pela linguagem excludente da literatura – contradição já presente exatamente ali onde tal acolhida parece anunciar-se, a saber, na “literatura do louco”?

Referências

- EAGLETON, Terry. **A função da crítica.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FOUCAULT, Michel. Le discours ne doit pas être pris comme...[1976]. In: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits.** Gallimard, 1994. t. 2, p. 9-10.
- FOUCAULT, Michel. Folie, littérature, société. In: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits.** Paris: Gallimard, 1994. t. 2, p. 104-128.
- FOUCAULT, Michel. La folie et la société. In: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits.** Paris: Gallimard, 1994. t. 2, n. 83, p. 16-22.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2000.
- MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral:** uma polêmica [1887]. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHMITT, Carl. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova** [1978]. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 161-290.

⁴⁴ Idem, p. 126: “un système tout à fait caractéristique de la société capitaliste et de la société bourgeoise, c'est-à-dire [un] système qui produit tout un ensemble de savoirs et de symboles, lui attribue des valeurs, le distribue et le transmet. Voilà ce qu'on peut appeler, en gros, notre ‘système d’écriture’”.

⁴⁵ Idem, p. 119.

⁴⁶ Idem, p. 120: “la force de l’ennemi que nous devons combattre et la faiblesse de l’arme qu’est la littérature”.